

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
DISCIPLINA: PROJETOS EXPERIMENTAIS
ALUNA: ELIANA ARNDT

MEMORIA DO CINEMA DE SANTA CATARINA

- Por uma História do Cinema Catarinense -

Florianópolis,

Março/84

"Quem não tem passado - ou quem desconhece seu ritual, seu cotidiano e suas formas de expressão - termina copiando o passado alheio. A imitação do gesto originário de outros povos no sentido amplo, não é devido tanto a influência do cinema estrangeiro, mas sim e de maneira bem expressiva à ausência de uma divulgação maior do próprio passado de nosso cinema".

(Hélio Nascimento)

DEDICO ESTE TRABALHO AOS BATALHADORES DO CINEMA CATARINENSE E A
TURMA "DIRETAS IA".

MEMORIA DO CINEMA DE SANTA CATARINA

- Por uma história do cinema catarinense -

1 - INTRODUÇÃO

- Cinema catarinense ??? E tem ???

Esta foi a indagação mais frequente durante o período de realização do meu projeto: levantamento da história do cinema catarinense. Esta incredulidade diante da existência de uma produção genuinamente catarinense vem comprovar o desinteresse pelo resgate de nosso passado. Paulo Emílio, um dos maiores historiadores do cinema brasileiro exprimia, já em 1969, a sua desesperança: "*O Brasil se interessa pouco pelo seu passado. Essa atitude saudável exprime a vontade de escapar a uma maldição de miséria e atraso. O descaso pelo que existiu explica, não só o abandono que se encontram os arquivos nacionais, mas até a impossibilidade de se criar uma cinemateca. Essa situação dificulta o trabalho do historiador, particularmente o que se dedica a causas sem importância como o cinema brasileiro*".¹ Este desinteresse generalizado pelo que se produziu em Santa Catarina, antes de se constituir numa questão absurda, se constitui, isso sim, numa questão grave. Muito grave. Afinal, se não convivemos com o nosso passado, como poderemos acompanhá-lo na produção atual, ou compreender a inexistência dela ?? "*No momento em que o passado se torna algo estranho, perde-se a indispensável continuidade e já não é mais possível acompanhar determinado processo evolutivo*".² Vai daí que só gostamos de filmes estrangeiros: porque são melhores, porque brasileiro não sabe fazer cinema, porque não temos som audível e assim por diante.

Até 1960 pouca coisa se sabia sobre o passado do cinema brasileiro e apenas meia dúzia de pessoas tinham curiosidade em desvendá-lo. No exterior, um francês, George Sadoul, era o único. Hoje as coisas mudaram. Mais pessoas se interessam. Escrever sobre cinema já não tarefa de pioneiro. Já se tem no Brasil, por exemplo, um público leitor familiarizado com a questão cinematográfica, com nossas produções, diretores, atores, etc. Mesmo assim, a memória do cinema brasileiro se restringe às produções dos grandes centros, Rio, São Paulo ou à algumas regiões tradicionalmente importantes pela sua produção. É o caso de Cataguases em Minas, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia. E é só. Fora isso, nada mais se sabe do passado do cinema. Sendo assim, a dúvida quanto a existência de uma produção cinematográfica em nosso Estado é até compreensível. O passado do cinema catarinense está entregue às baratas e ao mofo

dos porões de nossas instituições. Resgatá-lo, organizá-lo e torná-lo acessível a todos que se interessam pela causa, se constitui no objetivo maior deste trabalho.

A importância do resgate da memória do cinema catarinense não está apenas no resgate da história do cinema brasileiro, mas também em situar o cinema como fonte de pesquisa da nossa história. Na medida em que os filmes realizados em determinada época expressam de forma variada, o pensamento da época, as concepções estéticas, como a sociedade se organizava para a produção, como se davam as relações entre trabalho e capital, a influência do Estado, cinema como profissão, como lazer. Filme é documento. Filme é história, sejam documentários ou ficção. Eles revelam a situação política/econômica / social e cultural de uma época.

Este trabalho pretende ser uma panorâmica, um plano geral sobre a história do cinema catarinense. Os planos médios e primeiros planos, espero virem mais tarde. Quem sabe a partir das indicações deste trabalho. Possibilidade existem. No momento quero apontar para a importância do registro do que aconteceu, do que se produziu aqui, sem maiores aprofundamentos. Afirmo isso, sabendo da inexistência de qualquer material organizado sobre o assunto. Este trabalho pretende preencher esta lacuna. Ele tem este caráter de pioneirismo que agora é importante. Outro aspecto relevante: pretendo com este levantamento, apontar para a configuração, para a elaboração de uma história do cinema catarinense. Pretendo propor uma leitura para o cinema catarinense. Além disso, permanece o objetivo que já constava do plano deste projeto, que é o de apontar para a necessidade da implantação de uma cinemateca em nosso Estado. Para que se tenha aqui um local apropriado onde se possa guardar a memória do cinema catarinense.

2. METODOLOGIA

Como tinha sido previsto no plano, a pesquisa se realizou a partir de algumas fontes:

- 1 - entrevistas: (preliminares) - depois de ter em mãos relação de pessoas com informações sobre cinema, que tinham trabalhado com cinema ou que de alguma forma estavam envolvidas com a questão cinematográfica, passei a procurá-las para as primeiras entrevistas. Estas entrevistas iniciais foram papos bem informais e levaram a outros nomes, outras pessoas, outras entrevistas, desta vez mais específicas e mais elaboradas também.
- 2 - questionário - para obter uma visão completa do estado de Santa Catarina, da produção realizada aqui e não possuindo relação de nomes em mãos, lancei mão de um questionário para obter as informações que necessitava. O questionário (anexo) foi elaborado com as seguintes preocupações: levantar a produção cinematográfica na cidade, região, a partir de informações sobre cinema, desde datas de filmes antigos, até produção, exibição e atividades cineclubistas. Os questionários foram enviados para as Secretarias de Culturas das principais prefeituras do Estado, mais as fundações culturais, alguns colégios e igrejas. Dos 110 questionários expedidos pelo malote da UFSC, 12 foram respondidos. Destes 05 (cinco) continham respostas afirmativas, dizendo da existência de uma produção e 07 (sete) responderam negativamente, isto é, não havia produção naquela região. Dos questionários que voltaram com respostas afirmativas, retirei 13 (treze) nomes e endereços de pessoas que haviam produzido ou mesmo possuíam outras informações. Elaborei outro questionário, individual - conforme as questões que pretendia abordar. Desta vez o questionário foi mais específico, mais minucioso. Dos treze enviados, dois voltaram com resposta.
- 3 - pesquisa em jornal: a pesquisa em jornais foi realizada na Biblioteca Pública de Florianópolis em publicações a partir de 1896, data da chegada do cinema ao Brasil. Também utilizei um trabalho realizado por Maria Helena Silva para a Fundação Catarinense de Cultura, que realizou o trabalho de coleta de artigos sobre cinemas nos jornais catarinenses desde 1900.
- 4 - pesquisa em arquivos pessoais: várias pessoas entrevistadas colocaram à disposição seus arquivos pessoais. Deste material, além da pesquisa, anexo o mais importante.

3 - PEOUENA HISTÓRIA DO CINEMA BRASILEIRO

O aparecimento do cinema na Europa e nos Estados Unidos em 1895 foi o sinal de que a Revolução Industrial estava na véspera de se estender ao campo do entretenimento. No Brasil, o cinema chegou em 1896, um ano depois. Ignorava-se o nome do empresário, mas a máquina chamava-se *Omniographo*, sendo que as exibições se desenrolavam numa velha sala da Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro. O aparelho funcionou de duas a três semanas. No ano seguinte voltou com outros nomes, no Rio, em São Paulo e outras cidades importantes. É difícil fixar a data em que foram projetadas as primeiras "vistas" nacionais. Os jornais cariocas de julho e agosto de 1898 noticiam a apresentação de vistas locais no Salão Paris no Rio. Porém, não se realizará qualquer exibição até a destruição completa por um incêndio em 8 de agosto. Em janeiro de 1899 o salão foi reaberto e a exibição de filmagens de assuntos brasileiros tornou-se habitual. Durante alguns anos foram os irmãos Segreto, imigrantes italianos que além do cinema ofereciam outros divertimentos, os principais exibidores de filmes e os únicos produtores dos escassos filmes nacionais de atualidades.

Os primeiros dez anos do cinema no Brasil foram muito pobres. Temos poucas salas de projeção e praticamente todas concentradas no Rio de Janeiro e São Paulo. *"As projeções de cinema que se faziam nos primeiros tempos eram esporádicas e sempre acompanhadas de outros tipos de diversão. Exibia-se cinema juntamente com museus de cera, mulheres barbadas, índios. Dos salões de variedades, o cinema chegou aos parques de diversão onde eram exibidos geralmente ao ar livre durante as sessões noturnas"*.³ A principal justificativa deve ser atribuída a falta de energia elétrica que dificultava a projeção.

Todas as filmagens brasileiras realizadas até 1907 limitavam-se a assuntos naturais - eram documentários sobre acontecimentos políticos-sociais e que geralmente eram projetados da forma como foram rodados, sem cortes ou montagens. As fitas de enredo, o "filme posado", como se dizia na época, só apareceram em 1908. A historiografia oficial diz que o primeiro filme de enredo produzido no Brasil foi Os Estranguladores (1908) por Antônio Leal. Um ano antes, porém, em São Paulo, Francisco Serrador, realizava filminhos posados por uma dupla de cantores que sonorizavam a projeção escondidos atrás da tela. *"Estes filmes não foram levados em consideração pelos historiadores"*,⁴ diz Paulo Emilio. Os Estranguladores se constitui num enorme sucesso de bilheteria do cinema brasileiro.

O fato encorajou os produtores, lançando-se a moda de filmar crimes mais inescrupulosos da época. Mas não se filmava apenas isso. No Rio de Janeiro principalmente, os temas eram bastante variados, desde melodramas tradicionais, passando por dramas históricos, patrióticos, religiosos até temas carnavalescos. Além destes, outro gênero desponto e chamou a atenção de grande público: as revistas musicais com temas de atualidade. Como nos filmes de Serrador, os artistas ficavam atrás das telas, falando ou cantando os textos de forma sincronizada com as imagens.

Nesta época de grande prosperidade do cinema nacional não durou muito tempo. Neste período acontece a transformação do cinema artesanal em industrial nos países desenvolvidos. O Brasil exportava café em troca, importava tudo, até o entretenimento produzido nos grandes centros. Em pouco tempo o cinema brasileiro declina e o mercado cinematográfico fica totalmente à mercê do filme estrangeiro.

Após o colapso entre 1911 e 1913, apenas alguns cinegrafistas continuaram as suas atividades. E não foi com filmes de enredo que eles sobreviveram. A única saída foram os jornais de tela, os documentários, os naturais. Eram filmezinhos quase sempre feitos de improviso, no fundo do quintal, sem técnicos especializados, onde o cinegrafista era ao mesmo tempo diretor, produtor, ator civice-versa. Veiculam acontecimentos políticos e sociais e os naturais eram exibidos sem cortes ou montagens. Fazer estes filmes era tarefa árdua. Até 1922, a média de filmes de ficção produzidos no País, por ano, era de seis. Dessa situação, o cinema brasileiro deu um salto e já em 1925, dobra a média anual e já aí se percebe o progresso na qualidade. Além disso, outros centros iniciam suas produções. Destes um dos mais representativos foi o de Minas, especialmente em Cataguases, onde a figura lendária de Humberto Mauro realiza importantes filmes. É por volta de 1930 que aparecem os grandes clássicos do cinema mudo brasileiro.

Com o cinema falado nas décadas de 30 e 40, a produção cinematográfica volta a se concentrar no Rio de Janeiro, onde estão os estúdios melhor equipados. Algumas leis paternalistas implantadas na época do governo Vargas garantem o prolongamento dos jornais de tela e mais adiante, obrigam as salas exibirem filme de ficção nacionais. O que acontece em seguida é que comerciantes de filmes importados começam a produzir filmes para se beneficiarem desta lei protecionista. O resultado foi a proliferação da "comédia popular, vulgar e geralmente musical". Raros foram os filmes de crítica aos costumes.

No ano de 1950 acontece a grande virada do cinema brasileiro. Tanto em São Paulo com a Companhia Vera Cruz que traz de volta Alberto Cavalcanti, que se notabilizou no cinema francês e ingleses, como no Rio de Janeiro, com a Atlântida, o cinema nacional ganha novo impulso. Ao lado disso, Humberto Mauro realiza seu primeiro filme de ficção, depois de anos dedicados ao cinema educativo.

Os trinta filmes anuais produzidos a partir de 1960 mostram uma grande variedade de gêneros. Predomina, no entanto, o Movimento Cinema Novo que propõe novos rumos para o cinema brasileiro. Vários filmes desta época são premiados no exterior e despertam a atenção dos estrangeiros para as possibilidades do cinema brasileiro.

No final dos anos 60, o governo cria a EMBRAFILME (Empresa Brasileira de Filmes) depois de tentar toda sorte de medidas paliativas para enfrentar o produto estrangeiro. Além de produzir, ela passa a distribuir os filmes. A interferência do Estado na produção cinematográfica é inegável. A política de financiamento da EMBRAFILME é claramente ideológica. Produz-se aquilo que interessa ao sistema.

A produção de hoje aparece bastante diversificada. Além dos filmes artisticamente mais ambiciosos e as pornochanchadas, aparece uma faixa intermediária cujo nível é assegurado por profissionais competentes. Mesmo assim, a situação do cinema nacional não é nada boa, apesar das recentes premiações no exterior. O filme nacional ainda compete em desigualdade com o filme importado, organizado que está em grandes monopólios.

4 - POR UMA HISTÓRIA DO CINEMA CATARINENSE

Procurar grandes produções, filmes de ficção grandiosos e glamurosos para contar a história do cinema catarinense é ignorar o verdadeiro cinema produzido aqui. Poucos são os filmes de enredo produzidos. No entanto, a produção de cinejornais foi expressiva e durante alguns períodos, única.

Desde o início o mercado cinematográfico brasileiro esteve dominado pelo produto estrangeiro. Esses produtos eram sempre filmes de enredo, vindos diretamente dos grandes centros europeus. Criou-se, então, uma faixa livre que poderia ser resgatada pelos produtores nacionais. Afinal, existia uma série de assuntos que eram de interesse das platéias locais, mas não das internacionais. Desenvolveram-se, assim os documentários, os jornais de tela ou cinejornais.

Indiscutivelmente, o que sustenta a produção brasileira nas primeiras décadas são os cinejornais. Basta lembrar que o primeiro filme de enredo produzido no Brasil, apareceu doze anos depois da chegada do cinema entre nós. São os cinejornais que garantem o mínimo de regularidade ao trabalho dos produtores e cinegrafistas, permitem a compra e manutenção dos equipamentos, laboratórios, etc. Depois do colapso assinalado em 1911-12, a continuidade do cinema brasileiro repousou na atividade teimosa de alguns cinegrafistas. Não foi entretanto, fazendo filmes de enredo que eles ganharam a vida. Vários veteranos de atividades cinematográficas dedicavam-se quase que exclusivamente aos documentários e jornais de tela.

Apesar da supremacia dos cinejornais, seus realizadores eram malvistas. Vejamos, por exemplo, o depoimento de Gilberto Rossi, um grande cavador - atribuição dada aos realizadores dos naturais. *"Filmando e fotografando, consegui me manter alguns anos. Estes, porém, era um trabalho incerto e eu me sentia terrivelmente mal nesta insegurança. Eu não era um aventureiro, era um cinegrafista, mas pouca gente parecia perceber esta diferença. Por isso, não conseguia trabalho certo naquela época, porque era cinegrafista".*⁵ Maria Rita Galvão ajuda na elucidação da questão, ao definir o cinegrafista paulista das primeiras décadas. *"Um marginal por definição, formado na escola da boemia e da malandragem. Embora ignorado, é um tipo tão marcado quanto o sambista carioca. Não surge nas favelas do morro, mas dos cortiços do Brás, não é um crioulo, é um carcamano, seu companheiro não é um violão, é uma câmera de manivela".*⁶

Estes cineastas não tinham dinheiro para fazer seus filmes. Lutando pela sobrevivência e muitas vezes digladiando-se entre si, estes cineastas tinham poucos escrúpulos quanto à forma de arranjar dinheiro. Qualquer trambique valia. O resultado eram fil

mes nem sempre maravilhosos. Vai daí que se atribuía todo o mal do cinema brasileiro aos cinejornais e aos seus realizadores. Porque isso não era cinema. Cinema era o filme de ficção com belas atrizes. Iguais àqueles produzidos por Hollywood e não se sabe porque os brasileiros não conseguiam realizar. *"Todos queriam fazer filmes de ficção. Mas a triste realidade era o natural, o cinejornal, a cavação"*.⁷

Esta situação foi reproduzida nas histórias sobre cinema brasileiro. Com exceção de alguns historiadores, conta-se a história dos filmes de ficção, usando um modelo que se aplica aos países industrializados onde o filme de ficção é o sustentáculo da produção. Não foi isso que ocorreu no Brasil. O conceito de história do cinema aplicado aqui está muito mais vinculado à vontade, ao desejo dos cineastas e historiadores do que à realidade concreta. Contar a história do cinema brasileiro a partir dos filmes de enredo é negar o próprio nascimento, continuidade e afirmação de uma produção nacional. É, em última análise, negar a existência e importância dos cinejornais, do cinema de cavação. Considerar os documentários, os cinejornais, os naturais como formas inferiores de cinema, negando-lhes a construção e afirmação do mercado cinematográfico é, no mínimo ignorar a estrutura e a formação da cinematografia nacional. Alberto Cavalcanti, o grande cineasta brasileiro reconhecido no exterior, fala da importância dos documentários enquanto testemunhos de uma época: *"... não só os governos, mas também as grandes organizações industriais não hesitaram em servir do documentário para se fazerem conhecer e arejar seus problemas, contribuindo assim para a educação do público. Vão se criando desse modo arquivos ultramodernos que registram as atividades da vida de hoje"*.⁸

A HISTÓRIA DO CINEMA CATARINENSE É A HISTÓRIA DOS CINEJORNALS

Entre os filmes de ficção produzidos em Santa Catarina, apenas um é longa-metragem em 35 mm. Os outros, são em 16 e 8 mm, média e curta-metragens. O grosso da produção está nos jornais de tela apresentando os acontecimentos da época e os documentários. Também aqui, no Estado, o sustentáculo da produção cinematográfica foram os cinejornais. Era o espaço que os nossos produtores encontraram num mercado dominado pelos filmes importados. Importávamos filmes da Europa e também do Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar da nossa produção não somos reconhecidos como produtores em potencial. Como, então, sustentar, como produzir, como manter os equipamentos, laboratórios?? Jose Martinelli, um dos realizadores dos jornais de tela Notícias de Santa Catarina na década de 60 expressa a situação que se vivencia no Estado: *"Não podíamos pensar numa produção de ficção em Santa Catarina. Porque este tipo de indústria se concentra onde se concentra o capi-*

tal. *Aqui só cabiam os cinejornais*". Ele viveu uma situação concreta: a Produtora Carreirão passou a produzir jornais de tela depois da inviabilidade de atuar no terreno da ficção. A produtora nasceu para cobrir os prejuízos deixados pelo único longa-metragem de enredo produzido no Estado. Preço da Ilusão.

5 - CINEMA CATARINENSE - Os primeiros passos

Jornal O Futuro de Laguna noticia na sua edição de 28.07.1900, as primeiras exhibições cinematográficas em Santa Catarina. *"Tem sido muito apreciado os três primeiros espetáculos do cinematógrafo de propriedade do Sr. Hake, exibidos no Teatro Sete de Setembro. O nosso público sempre propenso a auxiliar a quem merece tem corrido em chusma a apreciar as lindíssimas vistas em exposição e que realmente merecem o mais franco e decidido apoio. Hoje realiza-se o quarto espetáculo"*.

Já em 1914, acontece a primeira produção. Jean-Claude Bernardet cita em sua filmografia, a realização em terras catarinenses de Na Região dos Fanáticos ou As Forças Expedicionárias do Sul feitas pela companhia de um senhor Guimarães, que não era catarinense. Trata-se de um documentário em cinco partes assim anunciado pelo jornal "O estado de São Paulo" de 15.12.1914: *"Nesse filme se apre^{ce}cia toda a região que estava ocupada pelos jagunços e que as tropas federais e estaduais sob o comando do Gal. Carlos Frederico de Mesquita desalojaram, além de diversos quadros com os acampamentos das tropas, marcha da artilharia, cavalaria e infantaria. Se veem algumas fases do combate e numa delas se vê a morte patriótica do heróico sargento Iva* Filme patriótico de exclusiva atualidade". Foi lançado em São Paulo no High Life em 15.12.1914.

Sabia-se ainda que os cinegrafistas do exército também filmaram a campanha do Contestado. O registro que se tem é uma fotografia da Revista "A Ilustração Brasileira" (ignora-se o ano) mostrando uma "expedição cinematográfica" ao lado de uma reportagem sobre a guerra.

O cineasta carioca Antônio Leal, realizador de Os Estranguladores também esteve no estado, realizando filmagens. O filme foi encomendado pelo governo local. O jornal A República, na sua edição de 10.12.1918 chama a atenção para a projeção do filme. *"No Theatro Alvaro de Carvalho, será hoje exibido, em premiere, o bellissimo trabalho do hábil operador cinematográfico, Sr. Antônio Leal... O filme reflete com muita exatidão o que temos de grandioso. As festas por ocasião da posse do Dr. Hercílio Luz, as passeatas do Tiro 40, do 15º Batalhão, os aspectos da nossa ilha, do continente, de Itajaí, de Blumenau, Brusque constituem os assuntos do excelente trabalho que vai ser hoje exibido"*. O Jornal comentava Filme de Santa Catarina.

A Botelho Filmes, companhia cinematográfica do Rio de Janeiro, é contratada pela Companhia Lumber para realizar um

filme de divulgação sobre as atividades da Companhia. Este documentário é o único documentário encontrado até hoje que se relaciona com a Guerra do Contestado. Companhia Lumber, filme de média metragem realizado para a exposição do Centenário da Independência (1922).

Ao mesmo tempo, cresciam as salas de projeção. No início, lentamente. Uma das causas desse atraso foi a falta de energia elétrica. Quando este problema foi resolvido, as salas de exibição se multiplicavam trazendo fitas importadas diretamente de Paris.

A Produção Local

Na década de vinte começa a produção. O responsável é José Julianelli, um imigrante italiano, dono da Empresa Julianelli que exibia "filmes diretamente de Paris" e mais tarde partiu para a produção de documentário e naturais.

Falar de Julianelli é falar dos pioneiros do cinema brasileiro, é falar do cinema de cavação. Ele veio da Itália, onde nasceu em 1877. Não se sabe o ano em que ele chegou ao Brasil, mas através dos depoimentos de seus descendentes, sabe-se que esteve no Rio de Janeiro, antes de se fixar em Blumenau. Do Rio trouxe seus equipamentos e um circo ambulante com carrossel. Sua grande paixão era o cinema, mas não se dedicava apenas a esta atividade. Ele tinha ainda uma empresa de ônibus (sendo ele o próprio motorista), um depósito de bebidas e uma fábrica de remédio à base de ervas. Começou a exibir filmes que importava de Paris em Blumenau e depois nas cidades vizinhas onde ia com seu ônibus e aproveitava para vender seus "preparador que curavam qualquer enfermidade". Mais tarde começou a filmar, sendo o único no Estado a desenvolver esta atividade e por isso, ele ia frequentemente a Joinville, Brusque e Florianópolis realizar filmagens. Segundo os depoimentos das pessoas mais antigas, Julianelli era um homem muito conhecido e querido por todos. Bem falante, todos tinham grande admiração por ele. Sua produção foi intensa. Chegou inclusive a filmar durante o período sonoro. Sua última atividade foi a exibição (ele tinha uma sala de projeção em Camboirú e um restaurante). Morreu em Blumenau, no bairro Fidélis onde mora sua viúva, em 18.05.1971.

Falar da sua primeira produção é difícil. O filme mais antigo encontrado data de 1925 - Jubileu de Blumenau. Mas isso não quer dizer nada. Dizer que este é seu primeiro filme, é, no mínimo, perigoso. Marcondes Marchetti que recolheu os filmes em 1973 não foi a primeira pessoa a chegar lá. Os filmes da fase sonora já tinham sido levados. Além disso, 50% do material encontrado estava deteriorado, o que supõe a possibilidade de sua produção ter iniciado bem antes. Os filmes

encontrados foram entregues ao Museu Guido Viaro de Curitiba que os recuperou e passou para 16 mm. Cópias existem no próprio Museu na Cinemateca de São Paulo e do Rio de Janeiro e com o próprio Marchetti. Os originais em 35mm, de celulóide estão com Marcondes Marchetti.

Entre os filmes encontrados estão: Washington Luiz em Joinville (1928); Jubileu de Blumenau (1925); Jubileu de Joinville (1926); Centenário de São José (1928); Panorama de Brusque; Inauguração da Ponte Hercílio Luz; Inauguração da Ponte de Indaial; Chegada de Adolpho Konder a Florianópolis, Panorama de Fpolis; 75 anos de Blumenau; Centenário da Colonização Alemã de São Pedro de Alcântara; Joinville Pitoresca; Visita do Governador Bulcão Viana a Blumenau; Chegada do Príncipe de Orleans e Bragança a Joinville; Inauguração da Ponte de Blumenau; Carnaval em Blumenau.

Hans Baungarten

Seu pai, Alfred, era o dono do jornal "Blumenauer Zeitung", o primeiro de Blumenau. Hans estudou na Alemanha a técnica das estampas e da clichéria. Em 1890 inicia estudos sobre fotografia. De regresso ao Brasil, com esses conhecimentos, farto material e aparelho de alta qualidade começa a dedicar-se à redação do jornal aplicando ao mesmo tempo seus conhecimentos da fotografia ao longo dos textos. Em 1928, passa a dedicar-se ao cinema. Filma os acontecimentos sociais e políticos, mas com muita frequência volta sua atenção para as atividades comuns do dia-a-dia de sua gente. E aqui fica muito claro a diferença entre Julianelli e Baungarten. Enquanto o primeiro se preocupa em registrar os fatos, Baungarten tem uma preocupação com a narrativa cinematográfica, com a construção de uma linguagem.

Dos filmes que fez, pouco são os que ainda existem. Na Fundação Casa Dr. Blumenau estão guardados os seguintes: Enchentes de Blumenau (1928); Colégio Santo Antônio; Uma Festa de Rei em Timbó; Um pic-nic feito pelo Turnverein em Camboriú; Uma viagem marítima do Rio de Janeiro à Fpolis; Aspectos da vida colonial; Uma caçada na região do Garcia. No museu Guido Viaro, estão outros: O Vapor Blumenau; Arrastão em Navegantes. Ele filmou muito mais do que isso. Depoimentos de seu filho, revelam que grande parte dos filmes foram entregues a uma distribuidora de São Paulo (não se sabe o nome). Esta, porém, além de nunca ter pago um centavo pelo aluguel, sumiu com as cópias. Chateado, Baungarten abandonou o cinema e se dedicou apenas à fotografia que exerceu até 1940.

José Cleto é de Porto União. Livreiro, escritor e dono de um cinema. Filma, revela e copia seu único filme até hoje em contrado. Trata-se de um documentário chamado Nossa Terra (1929).

O próximo registro que se tem é Willy Siewert. Ele filma em 16 mm desde 1952 com uma Pailarel Bolez que trouxe da Alemanha. Fez até hoje 62 cinefilmes de 20 minutos cada. Os temas são variados: a cidade de Blumenau; as enchentes, primavera, flores, carnaval de Fpolis. Ele pratica cinema como hobby e não tem pretensões de exibir seus filmes.

O Preço da Ilusão

Em 1957, é rodado o primeiro longa-metragem de ficção realizado em Santa Catarina. Trata-se do filme O Preço da Ilusão, que segundo seus realizadores, o Grupo Sul, pretendeu ser "uma crônica, um painel de uma cidade, através da construção de duas histórias em contraponto". 70% das cenas são externas e o fato é intencional, inspirados no neo-realismo italiano e um pouco no expressionismo alemão, além da influência do cine-novismo brasileiro. O Grupo Sul, formado em fins da década de 40, sacudiu a ilha com as concepções artísticas que difundia. Costuma-se dizer que o grupo trouxe para Santa Catarina, o modernismo, vinte anos depois. A atuação do grupo pode ser encontrada na literatura, nas artes plásticas, no cinema, foramaram o primeiro Cineclube (Clube de Cinema de Fpolis) da Ilha. Na revista Sul, órgão oficial do grupo, iniciaram-se discussões sobre cinema em Santa Catarina. A proposta do Cinema Novo atinge o Grupo Sul. Surge a idéia de fazer um filme nos moldes de Rio 40 Graus de Nelson Pereira dos Santos, mostrando idênticamente alguns aspectos da cidade. O grupo se organizou para a realização do filme. A equipe técnica foi chamada de São Paulo. Os demais elementos da equipe Alberto Cavalcanti são de Santa Catarina, inclusive os atores. Um deles, inclusive havia trabalhado no filme Rio 40 Graus, mas era catarinense. O primeiro grande problema foi reunir o dinheiro necessário para a produção da película. O produtor passou a vender quotas, visando arrecadar o dinheiro necessário. Dentre os investidores estão Aderbal Ramos da Silva, o escritor Anibal Nunes Pires, o empresário Oscar Cardoso Filho, o diretor Nilton Nascimento e o próprio produtor Armando Carreirão. Além disso, toda a equipe técnica participou do filme sem receber dinheiro. Foi feito um acordo que dava o direito de ter participação nos lucros em troca dos serviços prestados. Ainda assim o dinheiro não foi suficiente. Montou-se, então, uma banca na Praça XV onde eram vendidas ações do filme para as pessoas que passavam. O filme nunca deu lucro. Muito pelo contrário. O di

nheiro arrecadado não deu para pagar o investimento. O jeito foi partir para a produção de jornais de tela e documentários para pagar a dívida. E foi isso que fez Armando Carreirão, fundando a Carreirão Produções.

O público de Fpolis vibrou com o filme. Foi o grande acontecimento do ano. As pessoas participavam, se amontoavam para verem as filmagens. O filme foi exibido em dezembro de 1957, depois de várias vezes adiado. Foi exibido em avant premiere no Cine Ritz com uma pompa hollywoodiana, com holofotes, bandas de música e os atores sendo conduzidos em carros abertos. Ficou uma semana em cartaz, sendo reapresentado meses depois. Mais tarde, circulou pelo interior e foi exibido duas vezes na TV Gazeta de São Paulo.

O que existe do filme hoje concretamente é o sétimo rolo de 15 minutos, a última parte do filme.

O Preço da Ilusão, além do único filme de ficção longa-metragem produzido em Santa Catarina, é também a primeira e única tentativa concreta de trabalhar com cinema como uma atividade econômica, que se sustenta por si própria.

Sinopse:

Florianópolis tem cem mil habitantes. Capital pequena, colocada sobre uma belíssima ilha, rodeada de mar verde e violento. Não há indústrias. Apenas um comércio calmo e repartições públicas. Seu povo é alegre e despreocupado. Festas, em grande número, estão sempre em cartaz. O carnaval é um dos mais belos do Brasil, com seus enormes carros alegóricos. A vida social é intensa, as palestras animadas.

Nessa paisagem, onde a enorme ponte Hercílio Luz domina, ligando o continente à cidade, fatos acontecem, como em qualquer parte do mundo. Alguns humildes, obscuros, com personagens a quem a vida quase esqueceu. Outros envolvendo grupos importantes e pessoas de destaque.

Maria da Graça era uma jovem simples. Os acontecimentos, entretanto, levar-na a candidatar-se a um concurso de beleza. Com isso não concorda seu namorado, que preferirá o caminho do trabalho e do estudo para vencer na vida.

Maria da Graça esquece-se e lança-se à conquista do título de "Rainha do Verão". Para vencer é necessário dinheiro, muito, pois há candidatas fortemente apoiadas por clubes, organizações e, principalmente, por gente rica.

Os dias se passam e a moça, antes simples, é envolvida numa série de acontecimentos sociais que a transformam. Para vencer, o organizador do concurso consegue-lhe um "patrocinador rico", que compra os votos para ela.

Chega finalmente o dia da apuração.

Maria da Graça tem a felicidade de possuir um patrocinador decidido. Vence o concurso e ganha o honroso título de "Rainha do Verão". Festas, desfiles e comemorações.

No dia seguinte, em outro local afastado, defronte ao mar aberto, as candidatas e seus padrinhos se reúnem para uma festa íntima para comemorar a vitória. Então, pela primeira vez, compreende tudo. Era tarde. Um jornal do dia, berrando em manchete a vitória de Maria da Graça, é levado pelo vento às ondas revoltas, onde é tragado pela violência do mar. Maria da Graça entrara no outro lado de certos concursos de beleza...

Maninho da Silva de oito anos de idade, trabalhando como vendedor de sol a sol é praticamente quem sustenta a família, composta de cinco pessoas. Seu pai é funileiro e sua mãe, além das lides de casa, trabalha na confecção de rendas, tarefa essa muito popular em Florianópolis, mas muito mal remunerada.

As duas histórias são desenvolvidas em contraponto ao longo do filme.

FICHA TÉCNICA: O PREÇO DA ILUSÃO

Direção: Nilton Nascimento

Produção: Armando Carreirão

Diretor de Produção: José Vedovato

Fotografia e iluminação: Eliseo Fernandes

Argumento: Eglê Malheiros e Salim Miguel

Roteiro: E. M. Santos

Elenco

Maria da Graça: Lilian Bassanesi

Paulo: Francisco Bartolomeu

Maninho da Silva: Maninho da Silva

Souza: Ilmar Carvalho

Dr. Castro: Celso Borges

Miro: Miro Moraes

Ferreira: Sílvio do Vale Pereira

Assis: José Vedovato

Roberto: Murilo Martins

Lúcia: Sindova Wanderlei

Mário: Mário Moraes

Celeste: Silésia Costa

Teresa: Dinah Lisboa

Margarida: Eliane Maria Lins

PRODUÇÕES CARREIRÃO

A Produções Carreirão iniciou suas atividades logo após o término do Preço da Ilusão. Atuou até 1969, realizando 140 jornais de tela e 15 documentários, sendo que destes, dois coloridos. Eram jornais de tela com freqüência semanal chamados Notícias de Santa Catarina. 60 a 70% das matérias eram pagas. Os principais clientes eram o Governo do Estado e outras estatais. O jornal tinha uma duração de 10 minutos, num total de 270 metros de filme. O jornal dava um bom lucro, muito bom. Basta dizer que a produtora sustentava 5 pessoas, que viviam exclusivamente disto. Os filmes eram filmados e escritos aqui. Em São Paulo eram montados, sonorizados e copiados. O circuito era obrigado a exibir os filmes, por causa das medidas protecionistas. O mercado catarinense era praticamente todo da produtora. Não havia concorrência. Raras vezes vinham produtoras de outros estados filmar aqui.

Documentários produzidos:

- Campanha seu talão vale um milhão 1962/63
- Produtividade do milho (para Acaresc)
- Inauguração de rodovias
- Cinquentenário de Chapecó
- História de Lagos
- Documentário sobre Xanxerê
- Documentário sobre São José dos Cedros

A produtora realizou também um documentário/ ficção sobre os Jovens 4 S. Este filme foi o primeiro documentário em cores produzido no Estado e teve outra inovação: usaram a técnica de desenho animado para a abertura do filme. O documentário teve grande repercussão tanto no Estado como também no exterior.

É interessante observar o pensamento de um dos membros da produtora sobre fazer cinema.

José martinelli, foi assistente de cinegrafista no filme Preço da Ilusão e foi o primeiro cinegrafista da Produtora. Hoje ele é assessor de imprensa da CELESC.

O que ele pensa sobre cinema brasileiro:

"O cinema brasileiro ainda não descobriu a tecnologia do sussuro. O cinema feito no Brasil é de péssima qualidade. Porque os nossos alimentos, nossos remédios, nossos carros são ruins..."

Sobre como fazer cinema:

"Cinema se faz com uma câmara no tripê e uma idéia na cabeça"

Sobre as matérias pagas nos cinejornais feitos pela produtora:

"As matérias pagas são indissimuláveis. Só cuidávamos para que não ficassem tão ostentivas. Cuidávamos para manter um nível de decência".

Sobre as relações com o público:

"Aparecia muita gente para puxar o saco. Tinha gente que pedia para aparecer no jornal ostensivamente. Às vezes a gente dava colher de chá."

GUCA - Grupo Universitário de Cinema Amador

Vivia-se um momento conturbado da vida nacional. O golpe de 1964 esfriou a intensa atividade dos estudantes engajados que estavam nos movimentos populares, nos CPCs da UNE. Com o endurecimento do regime em 1968, a repressão, o medo tomaram conta do país. Muitos entraram para a luta armada, outros se organizaram em grupos. O Guca havia-se formado na UFSC em 1960 para estudar e discutir cinema. Exerciam também atividades cineclubistas no Campus. Entre seus membros estavam Orivaldo dos Santos, Pedro Paulo Souza, Gilberto Gerlach, Adi Vieira, Fernando Silva, Pedro Bertolino da Silva, Nelson Dourrellla. A vontade de realizar filmes somada à possibilidade, devido a compra dos equipamentos pela UFSC, fez o grupo realizar "O Novelo", média-metragem de 18 minutos, em 16 mm, para participar do 4º Festival de Cinema Amador do Jornal do Brasil e Mesbla. O filme foi premiado com a melhor fotografia e a melhor direção. O auxílio financeiro para a realização do filme veio da: Reitoria da UFSC, DCE da UFSC, Prefeitura Municipal, Governo do Estado, BRDE e Organizações Koerich.

O roteiro do filme segue anexo.

Em 1969, o grupo realiza outro filme. Rodrigo de Haro e Gilberto Gerlach produzem e dirigem No Elevador, curta metragem de 16 mm. Também em 1969, Pedro Cruz realiza o curta, curta mesmo, de um minuto, chamado A Vida é Curta e..., também de 16 mm.

Já em 1970, Pedro Bertolino e Nelson Dourrellla realizam a Via Crucis, 16 mm, curta de 10 minutos e tem como tema central a opressão. Todo rodado em externas, é grande a influência que recebeu do neo-realismo italiano. O ator/orpimido acaba sendo crucificado.

Em 1968, o catarinense Silvio Back, radicado em Curitiba, contata com o grupo para realizar a Guerra dos Pelados. O acordo que ficou estabelecido foi o seguinte: O Guca manteria os contatos para a obtenção de financiamento pelo BRDE e em troca a equipe participaria do filme. Conseguido o financiamento, Silvio Back trouxe outra equipe de São Paulo, deixando o pessoal do Guca a ver navios.

Produção Atual

Mais recentemente a produção cinematográfica gira em torno de documentários em 16 mm e 8 mm, nas seguintes cidades.

Caçador: Caçador, Cidade Industrial

Chapecó: 3 documentários

- 60 anos de Chapecó: indústria, comércio, administração, cultura e esporte;
- Uma Administração: obras do governo Milton Sander, inauguração do aeroporto e Miss Chapecó;
- Secretaria do Oeste: atividades desta secretaria, visita do então governador Colombo Salles, sessão solene da Câmara dos Vereadores.

Itapiranga: Frigorífico Itapiranga

Joaçaba: Joaçaba, aspectos históricos da cidade

E mais:

- Os Filhos de Irani, de Rogério Sganzellà. 1979. Produção Independente.
- Vitor Meirelles, de Marcílio Krieger. Documentário Vida e Obra, financiado pelo governo do estado. 1980. 10'.
- Cruz e Souza de Marcos Farias. Financiamento da Fundação Catarinense de Cultura. 1980. 10'

Relação dos Filmes Super-8

- 1972 - Putz de Paulo Rocha. 5'. Desenho animado sobre película.
- 1974 - Cocô, Auau e Parin de Paulo Rocha. 2,5', animação sobre papel man-teiga
- 1975 - Bolero, de Paulo Rocha e Ricardo Sansers, técnica: animação com bonecos.
- 1982 - Delírios à Paulistana, de Gilson Giehl. 12'
- 1980 - Ilha vista por sua Gente, de Gilson Giehl. 12'
- 1980 - Blum, o Desafio de uma Raça, de Gilson Giehl. 30'
- 1982 - Documentário sobre eleições de Tadeu dos Santos
- 1982 - Blitz, de Ângelo Sganzellà
- 1982 - Nossa Fauna, Alcides Dutra e Jorge Freitas
- 1981 - Flor do Oriente de Murilo Valente. 40'. Pesca artesanal no Pântano do Sul
- 1982 - Presépio Cascaes. 30' de Murilo Valente
- 1983 - Momento de Inspiração, criação coletiva. Participação Rogério Sganzellà. Produção FCC/UFSC.

6 - PEQUENA HISTÓRIA DOS FILMES EXTRAVIADOS

1 - CINEJORNAIS DE JOSÉ JULIANELLI

50% do material encontrado estava deteriorado.

Antes, porém, os filmes sonoros já tinham sido vendidos à pessoas de São Paulo, um tal de Spinelli, segundo seu filho Julianelli. Os filmes encontrados foram recuperados. Existem hoje várias cópias em 16 mm na Cinemateca de São Paulo, do Rio, no Museu Guido Viaro. Os originais em 35 mm em celulóide estão em poder de Marcondes Marquetti. Segundo ele, os originais foram oferecidos à Fundação Catarinense de Cultura, à Universidade Federal de Santa Catarina e nenhuma delas se interessou pela guarda do material. O que preocupa é que este material está se deteriorando pelas más condições em que se encontra.

2 - OS FILMES DE BAUNGARTEN

A grande vítima das distribuidoras. Uma distribuidora de São Paulo, que ninguém lembra o nome, levou os filmes para distribuí-los no país inteiro. Não se sabe se chegaram a ser distribuídos. O que aconteceu é que estes filmes nunca mais foram devolvidos.

3 - O PREÇO DA ILUSÃO

Existiam duas cópias em 35 mm. Uma foi levada a São Paulo para ser mostrada aos exibidores, com intenção de conquistar outros mercados. A fita foi perdida, as pessoas daqui perderam o contato. Nunca mais foi encontrada. A outra, permaneceu no Cine Ritz. Mário Morais, pegou esta cópia com intenções de exibí-lo no interior. Depois de alguns meses, Mário veio a falecer. Até hoje não se sabe o paradeiro da fita.

Existia também uma cópia em 16 mm que estava na TV Gazeta, onde chegou a ser exibido duas vezes. O programador dos filmes da TV foi demitido. Ao deixar a televisão levou com ele a cópia dos filmes, inclusive a do PREÇO DA ILUSÃO.

4 - CINEJORNAIS E DOCUMENTÁRIOS DA PRODUTORA CARREIRÃO

Dos 140 jornais e 15 documentários produzidos, apenas de 10 a 15 estão guardados. Os demais se extraviaram, ou foram se deteriorando.

A produtora não se preocupou em guardar os filmes para que se conservassem. Os negativos, outra maneira de se chegar aos filmes, também não existem mais. Os laboratórios, onde estavam guardados, foram fechando ou mesmo mudando de ramo.

Na época seus proprietários entraram em contato com a produtora, na pessoa do seu diretor Armando Carreirão. Como não houve interesse por parte da produtora catarinense, os negativos foram eliminados definitivamente.

Os 10 a 15 (não se sabe precisar) filmes estão em poder do Sr. Armando Carreirão que não quis explicar e muito menos dar entrevista.

7 - CINEMATECA

Todos estes extravios, o material se deteriorando, a inexistência de um local apropriado para guardar o material, revela a necessidade da criação de uma Cinemateca no estado.

O cinema tem feito pela captação e conservação da realidade mais do que qualquer outra arte ou técnica. É uma espécie da máquina do tempo que nos permite viajar ao passado, rever não apenas obras de ficção como também os documentários e jornais de tela, reveladoras de aspectos essenciais de uma determinada época. Nenhum meio, como o cinema, nos permite contemplar a história desta maneira, contemplar seus personagens no momento em que dela participam. Outro aspecto importante, no caso da conservação do filme, é sua importância na formação cultural e de um povo.

Um serviço cultural cinematográfico de âmbito nacional mantém viva a imagem de nossos clássicos e possibilita uma visão regular do nosso passado captado pelas câmaras de nossos cinegrafistas. A ausência do nosso cinema na memória visual da população termina por causar um dos efeitos mais cruéis desse processo desinformativo.

Uma cinemateca que propiciasse, através de um eficiente sistema de distribuição e exibição, a oportunidade de serem vistos os exemplos anteriores de nosso cinema, é um projeto que deve ser pensado com carinho, se o objetivo for realmente estender ao cinema a preocupação com a cultura nacional. A iconografia registrada em filmes de ficção e cinejornais é um patrimônio incomensurável. Permitir seu desaparecimento e concordar com seu afastamento das telas é destruir uma parte de nossa história. A capacidade de guardar na memória imagens é algo a não ser negligenciado, se desejarmos manter contato com a realidade.

Cinemateca de Santa Catarina é bandeira de todas as pessoas interessadas na memória e no fortalecimento da cultura cinematográfica catarinense.

8 - CITAÇÕES

- 1 - Paulo Emílio, Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento.pág. 29
- 2 - Hélio Nascimento, Cinema Brasileiro. pág. 24
- 3 - Maria Rita Galvão,Crônica do Cinema Paulistano. pág. 20
- 4 - Paulo Emílio, idem nº 1. pág. 42
- 5 - Maria Rita Galvão, idem nº 3. pág. 23
- 6 - Idem nº 3 pág. 18
- 7 - Jean-Claude Bernadet, Cinema Brasileiro: propostas para uma história. pág. 27
- 8 - Alberto Cavalcanti, Filme e Realidade

9 - BIBLIOGRAFIA

- 1 - XAVIER, Ismail. O Discurso Cinematográfico. Paz e Terra. Rio, 1977.
- 2 - BERNARDET, Jean-Claude. O que é Cinema. Brasiliense. São Paulo, 1981.
- 3 - BERNARDET, Jean-Claude. Brasil em Termo de Cinema. Paz e Terra. Rio, 1977
- 4 - BERNARDET, Jean-Claude. Trajetória Crítica. Polis. São Paulo, 1978.
- 5 - GALVÃO, Maria Rita. Crônica do Cinema Paulistano. Ática. São Paulo, 1975.
- 6 - GOMES, Paulo Emílio. Humberto Mauro, Cataquases e Cinearte. Perspectiva, São Paulo, 1974.
- 7 - GOMES, Paulo Emílio. Cinema, Trajetória no Subdesenvolvimento. Paz e Terra, São Paulo, 1980.
- 8 - ROCHA, Glauber. Crítica do Cinema Brasileiro. Paz e Terra. Rio, 1977.
- 9 - NASCIMENTO, Hélio. Cinema Brasileiro. Mercado Aberto. Porto Alegre, 1981.
- 10 - CAVALCANTI, Alberto. Filme e Realidade. Arte nova/embrafilme. Rio de Janeiro, 1976.

10 - ANEXOS

- 1 - Carta e questionário enviados às secretarias de cultura e fundações culturais.
- 2 - Notícias de O PREÇO DA ILUSÃO
- 3 - Fotografia de O PREÇO DA ILUSÃO: A atriz principal Lilian Basanesi.
- 4 - Roteiro de O NOVELO
- 5 - Notícias e críticas de O NOVELO

Florianópolis, 21 de outubro de 1983.

Prezado Senhor(a)

Esta correspondência destina-se a todas as pessoas que se interessam por cinema em Santa Catarina.

Sou estudante de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e estou, neste momento, iniciando uma pesquisa sobre a produção cinematográfica em Santa Catarina. Esta pesquisa tem por objetivo fazer o levantamento histórico das produções cinematográficas realizadas em nosso estado e se trata do meu projeto de conclusão de curso a nível de graduação.

Dirijo-me ao senhor(a) no intuito de estabelecer um contato que possa se transformar num intercâmbio de informações sobre a trajetória da cinematografia em Santa Catarina. Qualquer informação será de grande utilidade, pois é meu propósito fazer um levantamento da forma mais abrangente possível. Ao mesmo tempo em que necessitaria de uma certa urgência na obtenção destes dados, uma vez que preciso apresentar o trabalho final no início de dezembro.

Anexo segue um pequeno questionário com algumas perguntas que especificam o meu interesse. É só preenchê-lo e mandar para o endereço abaixo:

Eliana Arndt

Curso de Comunicação Social - UFSC

Campus Universitário

88000 - Florianópolis - SC

Fones: 33-9215 ou 33-9490 :Telex (0482) 240.

Certa de poder contar com sua valiosa colaboração, coloco-me à disposição para maiores informações,

Eliana Arndt
Eliana Arndt

PREENCHA E DEVOLVA COM URGÊNCIA:

1) Você sabe de alguma produção cinematográfica realizada na sua cidade ou região?

Sim () detalhes.....
.....

Não houve () obs:.....

Não sei () obs:.....

2) Você conhece pessoas que se dedicam a atividade de cinema em sua cidade, ou que tenham no passado se dedicado?

Sim () nome:.....
end:.....

não existe ()
talvez () obs.....

3) Você sabe de alguém que tenha guardadas em casa, latas de filmes antigos?

sim () nome:.....
end:.....

não, ninguém tem ()
talvez alguém tenha () obs:.....

4) Você sabe se existem cinclubes funcionando em sua cidade? e no passado, você sabe se existiram?

sim, existe () outras informações:.....
.....

nome e end.:.....
sim, existiram no passado ().....

.....
nome e end.:.....

não, nunca existiram ()
talvez ().....

Ilmo. Sr. Anhembi
Rua 7 de Abril, 342 - 9 andar - São Paulo
Prezado Senhor:

O Cinema Brasileiro entra agora numa fase decisiva. Devido a diversas leis que visam possibilitar a solidificação econômica de nossa cinematografia, inúmeras iniciativas particulares estão surgindo no terreno da produção.

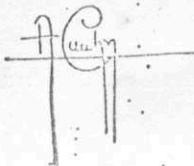
Uma delas é a nossa, destinada a produzir inicialmente um filme de longa metragem, cujo argumento foi localizado na bela cidade de Florianópolis, sem dúvida uma das capitais brasileiras mais privilegiadas pela natureza.

A película gira em torno de várias histórias paralelas, entrelaçadas, a principal delas mostrando o lado interno de um concurso de beleza, com suas exigências nem sempre dignas.

Os responsáveis pelo empreendimento são todos jovens e brasileiros. O produtor, Nilton Nascimento, já há oito anos se dedica profissionalmente ao cinema, tendo se iniciado no Rio Grande do Sul, e passando após para São Paulo, onde registrou sua firma. Alguns trabalhos seus, como "Negrinho do Pastoreio" e "Parque", tiveram ampla repercussão, tendo sido o último exibido no Festival Internacional de Cinema de São Paulo e o primeiro distribuído internacionalmente pela Art Films, exibido no Festival Internacional da Juventude, em Bucarest. Os autores do argumento, Eglê Malheiros ("Manhã" - poemas) e Salim Miguel ("Velhice e outros contos", "Alguma Gente" - histórias e "Rêde" - romance) são escritores já conhecidos do público nacional através de seus livros, todos editados pela Editora "Sul", sendo ainda Salim Miguel um dos diretores da conhecida revista "SUL", que há dez anos é editada em Florianópolis. O diretor de fotografia, Eliseu Fernandes, trabalhou como assistente de Alberto Cavalcanti, na Maristela, já tendo trabalhado em doze filmes paulistas, entre os quais "Simão o Caolho". Finalmente o diretor de produção, José Vedovato, também, tem longa folha de serviços prestados ao cinema nacional, sendo seu último trabalho a película filmada em Eastman Color e intitulada "Dioguinho", a ser lançada por estes dias em São Paulo.

Compreendendo a necessidade de uma ampla difusão de nosso trabalho, tomamos a liberdade de enviar a V.S. um envelope com material publicitário, cuja publicação, total ou parcial, autorizamos e agradecemos imensamente.

EQUIPE CINEMATOGRAFICA
" ALBERTO CAVALCANTI "



Departamento de Publicidade
HELENO MENDONÇA
E
SALIM MIGUEL

FLORIANOPOLIS E O CINEMA

Muita gente ouviu falar na cidade menina-moça, porém não a conhece. Canasvieiras, Praia das Saudades, Ponte Hercílio Luz, a casa de Vitor Meirelles, as famosas rendeniras que enfeitam suas praças, a simpatia esplendida pelo homem de suas ruas, o pitoresco de suas praias, o sotaque característico e todo "enchanteur" dos bairriga-verdes, a pele tanada dos brotinhos da Lagoa da Conceição; tudo isso seja palco, motivo principal para uma bela cinta em nosso Brasil. E, pensando assim, que o Clube de Cinema de Florianopolis e outros elementos artisticos da tranquila cidade catarinense, consideraram a idéia para a feitura de um película em longa metragem, que dignificasse e engrandecesse o cenário artistico de nossa terra.

ONDE COMEÇA A HISTÓRIA

Ligado aos "jovens turcos" da literatura catarinense, NILTON NASCIMENTO, um quarto de século de gente e cinema, produtor e diretor da Gauíba Filmes de Porto Alegre, foi convidado pelos integrantes do Clube de Cinema de Florianopolis, sobre a realização de um longa metragem na bela Capital catarinense, em que tomariam parte ativa, argumentistas, artistas e técnicos da cidade bairriga-verde. Posta a idéia em execução, visando tão somente ampliá-la, foram chamados a colaborar os líderes de todas as classes sociais de Florianopolis. Foi então escolhido o argumento pertencentes á poetisa EGLÊ MALHEIROS e o novelista SALIM NIGUEL, nomes sobejante conhecidos nos círculos intelectuais do país. Atualmente já se encontra no Sul a EQUIPE ALBERTO CAVALCANTI comandada por NILTON NASCIMENTO, com técnicos especialmente contratados em São Paulo, néca atual do cinema verde-amarelo. E, rompendo todas as barreiras com que, infelizmente se encontra para se fazer Arte no Brasil menino, dentro de alguns dias serão iniciadas as filmagens exteriores de "O PREÇO DA ILUSÃO".

PRODUÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E FINANCIAMENTO

Frequentemente se observa em um filme, apenas a chamada "parte criadora", ou seja, o trabalho do argumentista, do diretor, dos atores, etc., e se esquece da parte financeira, produção e administração.

" O PREÇO DA ILUSÃO " - um argumento de ERLÉ LALMEIROS
e SALIM MIGUEL, com roteiro de E. M. SANTOS para a direção de
NILTON MASCARENHO.

FICHA TÉCNICA:

Diretor Geral - NILTON MASCARENHO (Diretor da Guaíba Filmes, " Negrinho do Pastoreio", " Parque").

Produtor - ARIANDO S. CARREIRO (Presidente do Clube de Cinema de Florianópolis).

Diretor de Produção - JOSÉ VEIO VAZ (" Eva no Brasil ", " Nossa Senhora da Aparecida ", " Se a Cidade Contasse...", " Dioguinho ", " Canaval em Lá Maior ", " O Sobrado ".

Diretor de Fotografia - ELISEU FERNANDES (Sinão, O Caôlnh, Carnaval em Lá Maior, Madrugada de Sangue, Interrogação, Dorinha no Soçaito)

Assistente de Câmera - HUMBERTO HUERT.

Continuidade - LIA MASCARENHO

Maquiagem - ALBERTO CUNHA (Sós e Abandonados, Paixão de bruto, Queridinha do meu bairro, A um Passo da glória, Madrugada de Sangue, Rainha do Noroeste de 1955, Dorinha no Soçaito)

Electricistas - OMAR SILVA

MÁRIO MORAIS

FICHA ARTÍSTICA:

LILLIAN BASSANESI

ADEMAR SILVEIRA

CELSO BORGES (Rio, quarenta graus)

HELMER CARVALHO

FRANCISCO BARTOLOMEU

JOSÉ VEIO VAZ

MÁRIO MORAIS

SILVIO DO VALE FERREIRA

MURILO MARTINS

O financiamento foi conseguido através da co-participação de de batalhadores da Arte na sociedade local, em sua maioria. Contribuíram para a feitura da película os senhores Dr. Adherbal Ramos da Silva, Prof. Anibal Nunes Pires, industrial Ascar Cardoso, académico Linésio Laus, Dr. Armando S. Carreirão, senhorita Henri Miguél e os cineastas Milton Nascimento e E.M. Santos.

Na parte administrativa e produção, conta a EQUIPE ALBERTO CAVALCANTI com a eficiência de JOSÉ VENTURATO e ARMANDO S. CARREIRÃO, aquele, tarimbado em várias produções como "Eva no Brasil", "Nossa Senhora da Aparecida", "Se a Cidade Contasse..." e "Dioguinho", este, iniciante, porém de largo tirocinio cinematográfico e uns dos líderes da geração artística de Santa Catarina, onde presta incansável ajuda, presidente do Clube de Cinema de Florianópolis, ex-diretor de teatro, advogado, contador e bancário.

ARGUMENTO

Como cinema não é improvisação, o argumento e roteiro que serão utilizados em O PREÇO DA ILUSÃO, já está pronto, sendo seus autores a poetisa EGLÉ MALHEIROS e SALIM MIGUEL, dupla possuidora de vigorosa bagagem literária, estão, a ocaso, inteiramente à vontade e sua história gira em torno de um concurso de beleza, ensejando à câmara a tomada de aspectos paisagísticos da cidade. menina-noça, cenas folclóricas, sublinhadas pelas canções folclóricas recolhidas no "way" brasileiro por OSWALDO HELLO MIHO.

A LUTA ATUAL

A escolha de personagens é a luta atual que enceta a EQUIPE ALBERTO CAVALCANTI. Seguindo a escola de Rossellini, Vittorio de Sica e Lattuada, procurando gente da rua para um "Ladrão de Bicicletas", "Roma, Cidade Aberta" e outros, procura-se artistas anônimos pelas calçadas de Florianópolis. NILTON NASCIMENTO, o diretor do filme, concebe que o ator pôde ser feito através da ajuda técnica e das inúmeras facetas e arranjos com que as sete Artes que fazem o cinema, proporcionam. Porém, encontra-se dificuldades para tal.

Um novo filme - "O Preço da Ilusão"

- A produção paulista de filmes, no presente ano, parece que superará as melhores estimativas já feitas: espera-se que chegue a trinta películas de longa metragem! Somadas à produção do Rio de Janeiro, teremos um total de quase 50 filmes brasileiros para estrear no primeiro semestre de 1958. Notícia que, sem dúvida, deixará surpresos os descrentes da famosa lei dos 8 por 1, agora já quase superada.

Entre os filmes já em produção aparece uma nova equipe, no estilo daquela de "Rio, 40 graus" que tanto sucesso obteve. Trata-se agora da EQUIPE ALBERTO CAVALLANTI, denominação dada em homenagem ao maior cineasta brasileiro. A iniciativa é do documentarista NILTON NASCIMENTO, um dos batalhadores do cinema brasileiro no sul do Brasil, agora radicado em São Paulo e iniciando-se no setor de filmes com histórias de fundo. NASCIMENTO reuniu uma equipe de gente nova e lançou-se a um empreendimento de força que, pelo menos, será uma experiência interessante.

Apoiado pelo CLUBE DE CINEMA DE FLORIANÓPOLIS, Santa Catarina, NILTON NASCIMENTO já está rodando as seqüências de "O PREÇO DA ILUSÃO", argumento da dupla de escritores EGLE MALHEIROS - SALIM MIGUEL, narrando fatos e mostrando tipos (nem sempre muito sadidos) de determinados concursos de beleza. MANINHO DA SILVA, oito anos, trabalhando como vendedor, de sol a sol, é praticamente quem sustenta sua família, composta de cinco pessoas. Seu pai é fúncilero e sua mãe, além de das lidas de casa, trabalha na confecção de rendas, tarefa essa muito popular em Florianópolis, porém pouco remunerada. Esta

história é como que contraponto na narrativa principal da película: Maria da Graça e o curso de beleza, colocada lá no outro lado da vida, mas com muito mais humilhações e baixarias.

O PREÇO DA ILUSÃO tem empolgado seu diretor, o novato NILTON NASCIMENTO. Sua equipe de gente nova apresenta ELISEO FERNANDES (ex-assistente de Cavalcanti na Maristela) na fotografia, JOSÉ VEDOVATO como diretor de Produção e LIA NASCIMENTO, como encarregada da continuidade. O roteiro é de E. M. SANTOS sendo ARMANDO S. CARREIRO, presidente do Clube de Cinema de Florianópolis e Produtor Executivo.

UM NOVO DIRETOR - NILTON NASCIMENTO

O problema do cinema brasileiro sempre foi de ordem econômica. Cinema (todos sabem) é também negócio, além de arte, e isso exige capital e possibilidades de reversão do capital com lucros. O preço das estímulos muito baixo e as facilidades com que entravam no país os filmes estrangeiros, impossibilitavam a iniciativa de gente responsável, sabedores da realidade em que se encontrava a indústria cinematográfica entre nós. A vinda de Alberto Cavalcanti e sua equipe de técnicos portugueses alertou não só a opinião pública como nossos capitalistas e administradores e hoje, graças ao trabalho de organizações como a APICES (Associação Profissional

da Indústria Cinematográfica do Estado de São Paulo), ou as diversas comissões de cinema, temos, finalmente, condições aceitáveis para a produção de filmes.

Com isso surgiram novas iniciativas. Uma delas, em São Paulo, é a formação de uma pequena equipe de gente nova, liderados pelo documentarista NILTON NASCIMENTO e composta por E. M. SANTOS (do Clube de Cinema do Rio de Janeiro), ELISEO FERNANDES (fotógrafo, ex-assistente de Cavalcanti na Maristela), JOSÉ VEDOVATO (ator e Diretor de Produção), LIA NASCIMENTO (continuidade), CELSO BORGES (ator de "Rio, 40 graus"), EGLE MALHEIROS e SALIM MIGUEL (escritores de Santa Catarina, com diversos livros publicados) e ARMANDO S. CARREIRO (Presidente do Clube de Cinema de Florianópolis). NILTON NASCIMENTO há oito anos em cinema, tendo produzido diversos documentários, entre eles "Negritude do Pastoreiro" e "Parque", o primeiro adquirido pelo Art Filmes e distribuído em todo o Brasil e o segundo exibido no I Festival de Cinema de São Paulo.....

LEMNIRETE

Uma das indústrias mais rendosas de um país é o cinema. Além de economizar divisas, atrai turistas, faz notícias e projeta o nome de qualquer nação através das telas do mundo. Faça o seu cinema e estará contribuindo para a grandeza do seu Brasil.

A Verdade - Florianópolis
23/05/1957

Frutifica o exemplo de Nelson Pereira dos Santos

A equipe Alberto Cavalcanti realiza o seu primeiro filme em Florianopolis

«O preço da ilusão», uma historia que mostra o «outro lado» dos concursos de beleza — A iniciativa de Nilton Nascimento, jovem documentarista catarinense — O argumento foi escrito por Eglê Malheiro e Salim Miguel — Novos atores aparecem pela primeira vez ante as camaras

Amparado pelas primeiras medidas governamentais de proteção, o cinema paulista ressurgiu, após o período agudo da crise que provocou a paralisação de seus grandes estúdios, com novas produções, sempre a atestar a procura de valores artísticos e técnicos superiores que deem um padrão mais alto às suas realizações. Numerosas películas estão sendo rodadas e muitos equipes e produtores se organizaram para realizar novos filmes.

Dentre os novos que aparecem no panorama do nosso cinema surge, agora, inspirada no exemplo pioneiro de Nelson Pereira dos Santos, a equipe Alberto Cavalcanti, que realiza o filme «O preço da ilusão». A iniciativa da constituição dessa nova produtora se deve ao documentarista Nilton Nascimento, um dos batalhadores do nosso cinema no sul do país, que criou uma escola de jovens técnicas e artistas e procurou a produção de películas.

O ARGUMENTO DO FILME

Escrito pela dupla Eglê Malheiro e Salim Miguel, escritores catarinenses, «O preço da ilusão» tem como cenário a cidade de Florianopolis e como tema a historia do «outro lado» dos concursos de beleza. Como contraponto à historia de Maria da Graça, a moça simples que se consagrou no título de «rainha da beleza», temos a historia do menino Maninho da Silva, menino de alta raça, e de sua familiar burguesa de trabalhadores.

Numa situação de parentesco bastante acentuada, narra-se a historia dos concursos de beleza, a historia de Maria da Graça, e a de muitas outras meninas, e as relações que nelas se estabelecem de um futuro mais seguro que lhes pode ser proporcionada por esse tipo de concurso. A situação de parentesco apresentada retrata todos os tipos que se envolvem nestas manifestações desde os simples cascos eleitorais até o crico patrocinador das candidatas.

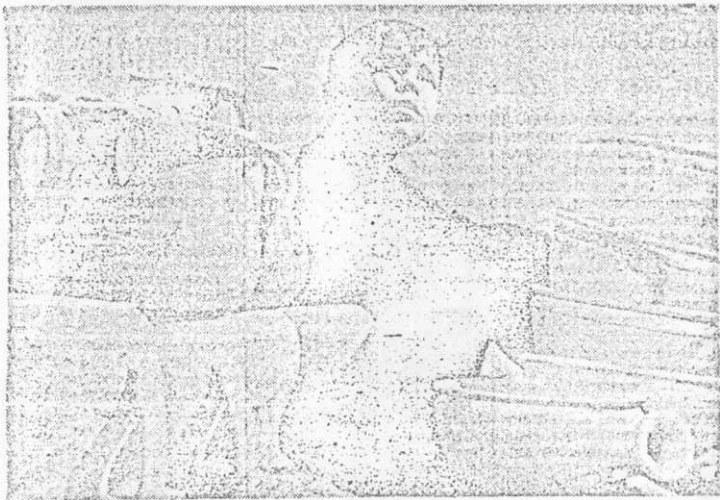
A EQUIPE

Os trabalhos de filmagem de «O preço da ilusão» estão

em Florianopolis. E lá se encontra a jovem equipe dirigida por Nilton Nascimento e na qual figuram Armando S. Carreiro, José Vedovato, Eliseo Fernandes e outros. No elenco

do filme aparecem atores novos que, pela primeira vez, enfrentam as camaras. No papel de Maria da Graça está Lillian Bassanesi, Maninho da Silva é ele mesmo e Francis-

co Bartolomeu faz o namorado de Maria da Graça. Aparecem também no elenco os nomes de Ilmar Carvalho, José Vedovato, Celso Borges e outros.



O menino Maninho da Silva, uma das revelações de «O preço da ilusão», numa cena do filme.

Cinema em 7 Dias

O GRUPO DE SANTA CATARINA

Uma expectativa simpática está dominando todos os círculos de cinema do país, em torno da iniciativa de um grupo de jovens do Clube de Cinema de Florianópolis, que tomou a iniciativa de rodar um filme de longa metragem em bases realmente interessantes. O grupo é ilustre: o produtor é Milton Nascimento, que possui trabalhos laureados, como "Negrinho do Pastoreio" e "Parque", o primeiro dos quais exibidos internacionalmente; os argumentistas Eglé Malheiros (autora de "Manhã", poemas) e Salim Miguel ("Vejitice e outros contos"); são os autores da história a ser filmada; o diretor de fotografia é Euseu Fernandes, veterano de nosso cinema e que conta, no seu passado de excelente profissional, a fotografia de "Simão, o Caolho", trabalho que pode ser considerado padrão nesse campo; diretor de produção que pode ser considerado veterano, José Vedovato, autêntica "peça" do diálogo é também um veterano, José Vedovato, autêntica "peça" do cinema brasileiro nas suas horas boas e más. Com essa equipe, que tornou o nome de "Alberto Cavalcanti" em homenagem ao maior de nossos cineastas, o grupo de Florianópolis já iniciou a filmagem de "O Preço da Ilusão".



Lillian Bassanesi, a estrela de "O preço da ilusão"

O argumento gira em torno dos concursos de beleza. Pretende focalizar por dentro, o que realmente existe em tais iniciativas, tomadas quase sempre com fins publicitários, mas de resultados os mais dramáticos para os participantes. As decepções, as horas de angústia, as esperanças, as desilusões que um leveano concurso de beleza provoca nas jovens inscritas, constituem, realmente, tema de extraordinário valor dramático, para um filme que pode pôr à prova o espírito criador de um grupo de cineastas como o do Florianópolis. Tomando como ponto de partida esse tema, os argumentistas paralelos, que se cruzam — a exemplo de algumas realidades italianas — para oferecer o quadro humano das consequências que os inúmeros certames daquela natureza provocam.

O importante, todavia, na obra, é o desassombro iniciativa dos jovens "barbigeiros", é a decisão com que empreenderam o trabalho, mobilizando entusiasmamente seus esfor-

cos. Para que se tenha idéia de como estão vencendo as primeiras e principais dificuldades, basta dizer que conseguiram obter recursos financeiros para o filme na base de contribuições desinteressadas de algumas homens ricos de Florianópolis. Evidentemente, o cinema não pode repousar a fama e poder, sobre bases tão frágeis. Mas não há, nem em Florianópolis nem em nenhum lugar de nosso país, o suporte autêntico e sólido, aliado, que possa constituir-se no fundamento industrial da cinematografia. A saída encontrada, portanto, por Milton Nascimento e seu grupo, é a única e só se pode desejar sucesso ao simpático movimento que poderá, afinal de contas, transformar-se em vitioso exemplo.

No elenco do filme figuram os seguintes nomes, na matéria estreantes no cinema: Lillian Bassanesi, Ademir Silveira, Celso Borges (que apareceu em "Rio, 40 Graus"), Ilmar Carralho, Francisco Bartolomeu, João Vedovato, Miro Moraes, Alívio do Vale, Ferreira, e Murilo Martins. A direção é também de Milton Nascimento.

Diário Com. e Ind.
25/05/1957

★ ★ TEATRO ★ RADIO ★ ★ CINEMA ★ TELEVISÃO ★

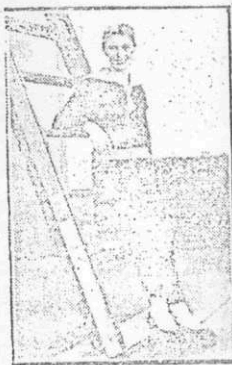
FLORIANOPOLIS E O CINEMA

Muita gente ouviu falar na cidade menina-moça, porém não a conhece. Carmosivas, Praia das Saudades, Ponte Frelho Luz, a casa de Vitor Meirelles, as famosas vendigas que enfeitam suas praças, a simpatia esplendida pelo transeio de suas ruas, o pitoresco de suas praças, o sotaque exacto e todo "enchanchur" dos barriga-verdes, a pele-fanada dos brotinhos, a Lagoa da Conceição: tudo isso será o motivo principal para uma bela cinta em nosso Brasil. E pensando assim, que o Clube de Cinema de Florianopolis e outros elementos artísticos da tranquila cidade catarinense, conceberam a ideia para feitura de uma película em longa metragem, que significasse e engrandecesse o cenário artístico de nossa terra.

ONDE COMEÇA A HISTORIA

Ligado aos "jovens turcos" da literatura catarinense, NILTON NASCIMENTO, um quarto de século do genio e cinema, produtor e diretor da Guabira Filmes de Porto Alegre, foi consultado pelos integrantes do Clube de Cinema de Florianopolis, sobre a realização de uma longa metragem na bela Capital catarinense, em que tomariam parte ativa, argumentistas, artistas e técnicos da cidade barriga-verde. Posta a ideia em execução, visando não somente a sua realização, foram chamados a colaborar os líderes de todas as classes sociais de Florianopolis. Foi então escolhido o argumento pertencente à poetisa EGLE MALHEIROS e o novelista SALIM MIGUEL, nomes sobejamente conhecidos nos círculos intelectuais do país. Atualmente já se encontra no Sul a Equipe Alberto Cavalcanti comandada por NILTON NASCIMENTO, com técnicos especializados contratados em S. Paulo, meca atual

do cinema verde-amarelo, para início das filmagens exteriores de "O PREÇO DA ILUSÃO".



LILIAN BASSANESI, é o nome dessa leirinha bonita, que empresta seu palminho de rosas à fotografia de "O PREÇO DA ILUSÃO", película que está sendo rodada em Florianopolis.

Como cinema não é improvisação, o argumento e roteiro que serão utilizados em "O PREÇO DA ILUSÃO", já está pronto, sendo seus autores a poetisa EGLE MALHEIROS e SALIM MIGUEL, dupla possuidora de vigorosa bagagem literaria, está, a ocaso, nitidamente à vontade e sua historia gira em torno de um concurso de beleza, estendendo a camera a tomada de aspectos paisagísticos da cidade menina-moça cenas folclóricas, sublinhadas pelas canções folclóricas, recolhidas no "vivo" brasileiro por Oswaldo Mello Filho.

A escolha de personagens é a luta atual que enceta a EQUIPE ALBERTO CAVALCANTI. Seguindo a escola de Rossellini, Vittorio de Sica e Lattuada, procurando gentes da rua para um "Ladrão de Bicicletas", "Roma, Cidade Aberta" e outros, procuram-se artistas anônimos pelas calçadas de Florianopolis. NILTON NASCIMENTO, o diretor do filme, concebe que o ator pode ser feito através da ajuda técnica e das inúmeras faças e arranjos com que as sete "Arts" que fazem o cinema, proporcionam. Porém encontra-se dificuldades para tal.

ADIANTEADOS OS TRABALHOS DE FILMAGEM - Há um mês iniciavam-se os trabalhos de filmagem de "O Preço da Ilusão", pela Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti, sob a direção do documentarista Nilton Nascimento. E com um mês de trabalho, ultrapassando os prognósticos mais otimistas o filme já está com 70% rodado. Nilton Nascimento espera dar colcoídos os trabalhos de filmagem, que estão sendo feitos em Florianópolis, até fins do corrente mês de julho.

COLABORA A POPULAÇÃO - A população de Florianópolis tem colaborado entusiasticamente nos trabalhos de filmagem de "O Preço da Ilusão", primeira película em longa metragem rodada na capital catarinense. Com quase setenta por cento de exteriores, desenrolando-se em praias, praças, ruas e recantos pitorescos, o filme é não só uma experiência inédita para a gente da ilha, como também vem possibilitar que lugares dos mais belos do Brasil sejam mostrados através da cuidada fotografia de Eliseo Fernandes.

REVELAÇÕES ARTÍSTICAS - Os artistas da nova produção paulista "O Preço da Ilusão", que está sendo rodado em Florianópolis, sob a direção do documentarista Nilton Nascimento, foram selecionados na própria capital catarinense. Os produtores estão satisfeitos com o rendimento do pessoal selecionado, sendo de destacar que elementos como Lillian Bassanesi e Emanuel Miranda, entre outros, vem correspondendo plenamente, esperando-se mesmo que se transformem em nomes de cartaz do cinema nacional. Lillian Bassanesi faz uma candidata que se vê envolvida num concurso para a eleição da "Rainha do Verão" - e o filme mostra não só todos os tipos que gravitam em torno de tais concursos, como também a transformação que vai sofrendo a personagem no decorrer do concurso. Emanuel Miranda faz um garoto que sustenta a família de cinco pessoas e cujo sonho maior é possuir um Boi de Mamão". Desenvolvendo-se em contraponto, as duas histórias principais do filme prendem pelo que contem de humano e pelo cuidado com que estão sendo realizadas.

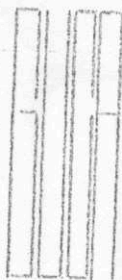
DOIS VETERANOS ENTRE NOVATOS - Somente dois artistas profissionais participam da película "O Preço da Ilusão", que está sendo rodada em Florianópolis, pela Equipe Alberto Cavalcanti, sob a direção de Milton Nascimento. Trata-se de Celso Borges, que entre outros filmes, participou de Rio 40 Graus, de Nelson Pereira dos Santos e que agora interpreta o importante papel do Dr. João Castro. O outro elemento é José Vedovato, que tem participado de diversos filmes paulistas, quer como ator quer como gerente de produção.

FLORIANÓPOLIS É TAMBÉM ARTISTA DO FILME - E.M.Santos, cineclubista que há longos anos se dedica ao estudo do cinema; Armando S.Carreirão, ex-diretor de teatro e atualmente Presidente do Clube de Cinema de Florianópolis são, respectivamente roteirista e produtor do filme "O Preço da Ilusão", produção paulista que está sendo rodada inteiramente em Florianópolis, sob a direção de Milton Nascimento, documentarista que tem a seu favor, entre outros filmes de curta metragem, "O Parque" que foi apresentado no Festival de Cinema de São Paulo e Negrinho de Pastoreio, adquirido pela Art Filmes e distribuído internacionalmente.

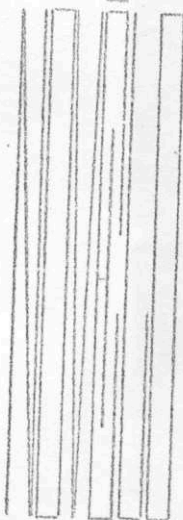
NOVO FILME - NOVOS NOMES - O cinema brasileiro, este ano, tem em filmagem ou em projeto para breve início, alguns filmes de interesse e que, se completados, ultrapassarão o número de películas realizadas no ano passado. "O PREÇO DA ILUSÃO" é um dos filmes já em trabalho, estando com setenta por cento de suas filmagens prontas. Com um argumento de Eglê Malheiros e Salim Miguel, roteiro de E.M.Santos, o filme relata aspectos de um concurso de beleza "em benefício". Os atores foram escolhidos no próprio local de filmagem e o diretor, Milton Nascimento, encontra-se entusiasmado com o rendimento do pessoal selecionado. Lillian Bassanesi, o garoto Emanuel Miranda, Ilmar Carvalho e Sileide Costa são nomes que rapidamente deverão se tornar conhecidos dos amantes do cinema. Somente dois atores com experiência participam da película: Celso Borges, de "Rio, 40 graus" e José Vedovato, do colorido "Dioguinho".

SR. REDATOR: O cinema brasileiro não precisa de publicidade. Agradecemos muito a publicação das notas acima. Seguem junto fotos sobre a película "O Preço da Ilusão".





grupe universit'arie de cinema amador



filme

curta metragem

argumento
pedro bertelins
roteiro
pedropaulodesouza
direção
orivaldo dos santos
fotografia
gilberto gerlach
nelson dorrela
dir. produção
adi vieira filho
fernando josé



um grupo que vem se reunindo desde 1960, para estudar e discutir cinema.

e gosto pela arte, o desejo jovial de construir algo de válido, a preocupação de projetar sua terra no cenário cultural-artístico de país, induziu o "GUCIA" - grupo universitário de cinema amador de florianópolis, a realizar um filme, para participar do 4º FESTIVAL DO CINEMA AMADOR DO JORNAL DO BRASIL à realizar-se em novembro no Rio de Janeiro.

roteiro pronto, elaborado por pedropaulodesouza, baseado no argumento de pedro bertolino; a fotografia estará a cargo de gilberto gerlach e nelson dorrela, a coordenação da produção de adi vicira filho e fernando José e a direção do estudante orivaldo dos santos. santa catarina será representada. depende da comunicade.

PEDRO BERTOLINO

As prateleiras são repletas de livros: Marx, Theillard, Darwin, Engel, Hegel, "Caminhos Para Deus", "Trovas da Inexistência de Deus", "Porque Não Sou Cristão", "O Papa Negro", "O Quinto Evangelho", "A Bíblia" etc.. O personagem acaba de sublinhar uma frase na "Introdução à Metafísica", de Heigger: "OS VALORES NÃO SÃO; SÃO VALER". Pára. Um dedo entre as páginas. Como quem chega à terrível e fatal conclusão. Depois, vai recolocar o livro que lia na estante, no lugar da "Bíblia". Então esta cai no cesto de lixo. Inicia-se o grande e colossal desmoronamento. Uma imagem, depois o altar, em seguida os templos, o Palácio da Justiça... Tudo se vai desfazendo catastróficamente. E os destroços formam um charco imundo em que germe se batem. É uma nova cosmovisão. Para elle as mentiras ruíram. Agora vê a realidade inexorável, com seus próprios olhos.

Recolocade o livro sai do escritório. Caminha lentamente. Porém decidido, firme, resolute. Por um corredor vazio e grande. Na parede dos fundos há um quadro. O personagem passa a caminhar mais apressado. Como se lá houvesse alguma saída. De início é apenas um ponto preto em papel branco. À medida em que se aproxima, todavia, o objeto se define. A lâmina (gilete) se impõe implacável, em sua moldura fúnebre. Seu nome: A CHAVE. O personagem olha pesado, sombrio. Primeiramente divisa ali a porta para um pátio onde as longes se cruzam e o vazio existe. Mas, depois, pelo centro e no centro da lâmina descobre a imagem de um bastão. Volta. Entra para seu quarto.

Recosta-se nos travessieiros. Na parede um retrato de mulher. Sua mãe. Linda, distinta. Pelos olhos e os cabelos e o sorriso expressa uma pureza e uma tranquilidade quase angelical. Entretanto há pouco e pouco aquela foto se vai transformando. Faz-se cruel, impiedosa, inescrupulosa. Tudo se embaralha, enegrece. Então, o personagem lembra a explicação que ela lhe dera:

- Flanegar a família é um direito! Padre Wilson aprovou. Seu pai na época, era pobre. Queríamos dar tudo a você, e...

A imagem continuou em sua transformação. E o personagem viu também sua mãe integrar-se e desaparecer no charco em que o mundo se apresentara a ele. Da seguida, conseguiu a imagem do seu nascimento: uma fossa. E as mãos do seu pai, o qual saíra primeiro, pucham uma criança de lá. E, ao mesmo tempo, essa criança / continua na fossa. Era esse o mundo para ele, agora: merda.

Pega um molho de chaves de sôbre a mesinha. Sai. Anda sem rumo. Pelo Estreito. Olha quase tudo e não vê nada. Pára na fila da ponte. Lembra a Faculdade. As garôtas. Os rostos lindos. As pernas das meninas. Mas, aquelas imagens que pareciam ser um oásis também, fatalmente, desaparecem e se integram no charco. Tudo é lama. Não adianta.

Abre-se o sinal. Passa a ponte finalmente. Continua andando sem rumo. Desce a Conselheiro Mafra. Passa pela praça. A catedral a seus olhos se retorce e vai desmoronando. Mas, um carro busina. Abriu o sinal. Tom de seguir. Sobe pela Felipe Schmidt. No "Ponto Chic" o sinal fecha para ele. Pára. E seu pai está ali. Tirando / dinheiro da carteira bastarda dá uma esmola substancial a um mendigo. Nota-se no rosto do velho a satisfação que sente por dar esmola. Para o personagem, porém, isto é nojento. Faz a imagem de como seu pai conseguiu sua fortuna: "suas mãos mesquinhas puxavam para si todo o dinheiro, enquanto outras mãos ficavam vazias e famintas. Agora, dava esmola e se tinha por bondoso. Não sabia que sua riqueza nada tinha a ver com direitos humanos e divinos. Mas, apenas com uma série de tabus e uma injusta distribuição das rendas e dos bens. O personagem não teve estômago: quase vomitou mesmo.

O sinal abriu. Adiante desceu para a esquerda. Tomou novamente a "Conselheiro Mafra. Continua, porém, para além da Praça XV. Deparamo-lo no Morro das Pedras. Contempla o mar. Pesado e absorvto. Novamente sua mãe lhe vem à memória. E aquela explicação: "Pia nejar a família é um direito...". Vê um monte de lixo. Uma camisinha e as formigas. Seu irmão devorado assim. Não tem estômado para tanto. Curva-se para vomitar.

Quando o encontraram estava morto e nu entre as pedras, em / posição fetal. De perto era ôle claramente. Mas à medida em que era contemplado de longe --- CONFUNDIA-SE COM QUALQUER FERRO HUMANO.

O NOVELO

- 1) MÚSICA SUAVE - LETRINHOS sobre fotos alternadas em P.P. mostram do feto no útero, quadro pintado representando espermatozóides, não indo contra o quadro tentando impedir o avanço dos espermatozóides, camisa-de-vênus sendo devorada por formigas. ESCURECIMENTO.

I N T E R I O R

- 2) MÚSICA SUAVE - P.M.G. de uma biblioteca aproximadamente requintada, estante atopetada de livros, uma escrivaninha, protagonista de costas lendo livro, uma poltrona. CORTE.
- 3) MESMA MÚSICA - P.M. - CAMIÃO PARALELO focalizando obras na estante desorganizada, concluindo com SEMI-CIRCULAR a incidir no protagonista, de frente. CORTE.

MESMA MÚSICA - P.P. - CÂMARA ALTA CERCOS PROTAGONISTA - focalizado de costas. Protagonista sublinha uma frase e indo a G.P. P. CÂMARA enfoca lateralmente olhos do protagonista. Na FAIXA SONORA uma voz masculina grave diz: "Os valores não são; eles valem" CÂMARA RECUA a P.P. e acompanha protagonista que se dirige à estante com o livro às mãos. CÂMARA LENTAMENTE VAI RECUANDO até P.A. e focaliza protagonista que coloca o livro "Introdução à Metafísica", de Heidegger, ao lado da "Bíblia", que cai num cesto de lixo. CÂMARA APROXIMA-SE SÚBITAMENTE e focaliza em P.P.P. o livro sagrado dentro do cesto. CORTE.

MESMA MÚSICA - P.M. NEXO - Protagonista sai da biblioteca caminhando lentamente. A porta fecha-se. CORTE.

P.M.G. e CÂMARA-OLHO TITUBEANTE EM CARCINIO POSITIVO percorre um corredor vazio e turvo, aumenta velocidade e focaliza um quadro - que penda no fim do corredor; aproxima-se em G.P.P. e enfoca a moldura e seu título: "A Chave". CORTE. G.P.P. do quadro. CORTE. TRECHO MUSICAL ANGUSTIOSO e imagens alternadas do resto do protagonista e charco em G.P.P. com fotos de mulheres nuas, templos, Pa-lácio da Justiça, livros religiosos, a "Bíblia" no lixo. CORTE.

MUSICA MÚSICA ANGIUSTIOSA - P.A.G. FIXO de un quarto de solteiro regularmente arrumado. Protagonista entra pensativo, caninha, vai à janela, tenciona fumar mas não consegue. Recosta-se no travesseiro. Está aflito. CORTE.

Face do protagonista em G.P.P., frontal, que alcança P.P.P. dos olhos envidrados, tentando olhar algo sem conseguir. CORTE.

SEMI-CIRCULAR com a CÂMARA-OLHO percorrendo as paredes do quarto, onde telas esparsas pendem. CÂMARA-OLHO enfoca pintura que representa belo rosto de uma dama. CORTE. G.P.P. do protagonista com olhar firme. CORTE. G.P.P. da pintura. G.P.P. dos olhos do protagonista. CORTE. G.P.P. da pintura, agora disforme. CORTE. P.P. em tomadas rápidas de fotos - de mulheres nuas, templos, charco, a "Bíblia" no cêsto, charco poses e rôticas, charco. CORTE. P.P.P. alternados de olhos e ouvidos do protagonista e na FAIXA SONORA voz feminina: "Planejar a família é un di + reito ! Padre Wilson aprovou. Seu pai, na época, era pobre. curíamos dar tudo a você, e...". CORTE. P.P. olhar do protagonista, que câmara acompanha e vai indicar na mesma pintura, a qual vai dissolvendo-se em preto. CORTE. G.P.P. DIVERSOS do charco. CORTE.

P.P. LATERAL protagonista angustiado. CÂMARA movimenta-se até alcançar H.P.P. do seu rosto. MUSICA MÚSICA ANGIUSTIOSA aumenta, protagonista grita, enquanto tomadas acima descritas alternam-se com imagens do charco. CORTE. Protagonista agitado. Volta a se acalmar. Pensa. CORTE. Tomadas sucessivas de rosto de mulher parecida com o da pintura contrastando-se com as dôres do parto, do rosto do pai do protagonista, charco, e na FAIXA SONORA primeiro choro de recém-nascido. CORTE. Na FAIXA SONORA choro do recém-nascido confundem-se com gritos do protagonista, que está calmo com a CÂMARA em G.P.P. do seu rosto.

CÂMARA RECUA A P.A. e acompanha movimentos do protagonista que levanta-se e num ato automático vai à escrivaninha e toma um molho de chaves e sai. CORTE.

EXTERIOR

- 4) RUIDOS DO AMBIENTE - G.T. FIMO da área frontal onde reside o protagonista, e P.I. dele que se dirige ao veículo estacionado ali, que instantes depois se põe em movimento. CORTE.
- 5) C.M.G. DE DIVERSOS ÂNGULOS do veículo em movimento nas ruas do Estreito, alternado com P.P. do protagonista na direção. CO.IL. C.T. e C.M.T do movimento do veículo na ponte Hercílio Luz. CÂMARA LOCALIZA DENTRO DO VEÍCULO enfoca protagonista em G.P.P., recua a P.M. e focaliza movimentação do trânsito durante a parada obrigatória na ponte. MÚSICA AFLITIVA. CORTE. C.M.T. COM CÂMARA SITUADA DENTRO DO VEÍCULO enquadrando também rosto do protagonista, indiferente aos acenos de conhecidos que lhe cumprimentam. CÂMARA vai a P.P. do rosto sombrio, alcança P.P. P., MÚSICA MESMA aumenta intensidade. CORTE BISCOO.

INTERIOR E EXTERIOR

- 6) TRECHO MUSICAL LEVE - P.M. de sala de aula. Protagonista entre os alunos mas desinteressado da lição. CORTE.
- 7) TRECHO MÚSICA ROMÂNTICA - P.A. de jovem despida tentando seduzir - protagonista, que é focalizado em P.P. indiferente. CORTE.
- 8) TRECHO MÚSICA LEVEIRA - G.P.P. dos rostos jovens. CORTE.
- 9) TRECHO MÚSICA MODERNA JUVENIL - C.M.T. alternando-se com P.P. de mgos de mini-saias. CORTE. Última imagem dissolve-se.
- 10) P.P.P. de charco. CORTE.

EXTERIOR

- 11) P.P.P. idêntico ao último da sequência 5. Veículo movimenta-se. CORTE. C.T. da ponte focaliza de meia altura e veículo ultrapassando a última etapa. CORTE. C.T. da praça e CÂMARA situando o veículo na agitação do trânsito. CORTE. P.P. do protagonista enfocado dentro do carro em movimento. Protagonista olha para a catedral. CÂMARA acompanha o olhar e fixa catedral que tem forma distorcida. CÂMARA retorna posição anterior. Veículo pára, obediente ao sinal de trânsito. Sinal autoriza arranque, veículo continua para estacionar mais adiante. protagonista salta o carro, indiferente ao que ocorre ao seu redor. CORTE.

- 12) RUIDOS AMBIENTE - C.T. da rua movimentada e P.I. do protagonista ca-
minhando lentamente. CÂMARA aproxima-se aproxima-se e enfoca-o em P.P.,
acompanhando-o em paralelo. Subitamente protagonista pára, CÂMARA
SEMI-CÍRCULO focalizando-o do outro lado em G.P.P., ôle angustiado -
firma o olhar à sua frente, CÂMARA segue sua atenção e em P.I. foca -
um cavalheiro dando substancialosa esmola ao mendigo da esquina. CORTE.
P.P. do cavalheiro satisfeito pelo que fôz. CÂMARA afasta-se um pouco
e vai situar-se sôbre os ombros do mendigo, enquadrando ao longe o p-
protagonista. CORTE.
P.P. lateral do protagonista demonstrando nôje pelo que vê. CÂMARA a-
proxima-se em G.P.P. localiza inclinadamente o protagonista. CORTE.

I N T E R I O R

- 13) TRECHO MUSICAL OPRESSIVO - FAIXA SONORA apresentando rênidas cínicas
de honen entoadadas a gemidos ansiosos de indigentes. CÂMARA ALTA cõ-
bre a cabeça do cavalheiro enfoca suas mãos trazendo para si um mon-
te de dinheiro, enquanto mãos em braços de vestes esfarrapadas esfor-
çam-se desesperadamente tentando impedi-lo.

E X T E R I O R

- 14) CÂMARA retorna ao G.P.P. final da sequência no.12. Protagonista demons-
tra ânsia de vômitos. Rosto contraído. GP CÂMARA vai a P.P.P.CORTE.
- 15) Imagens alternadas rápidas das sequências no.10. MÚSICA ESTÍMULO.
- 16) P.P. frontal do protagonista a contemplar absorto o mar. Na FAIXA SO-
NORA os ruidos característicos do ambiente. CORTE.
C.T. em plano imergente distante enfoca o protagonista de costas, no-
alto das pedras. CORTE.
P.I. LATERAL do protagonista no estado de tensão.
P.A. LATERAL idem. CORTE.
G.P.P. LATERAL idem. CORTE.

P.P.P dos olhos do protagonista. CÂMARA recua pouco, levemente em circular e enquanto gira em torno d'ele FAIXA SONORA apresenta mesma voz-feminina a repetir ecoante "Planejar a família é um direito", confundindo-se as palavras com as risadas e gemidos da sequência 13. CÂMARA pára em G.P.P. do rosto deprimido. Protagonista atira-se nos rochedos. CORTE.

Plano incoerente do C.T. do ambiente. CORTE.

P.M. LATERAL do protagonista nu, corpo ápero, em posição fetal. CORTE.

P.M. DE CÂMARA ALTA idem. CORTE.

P.M. INCLINADO idem. CORTE

Tomadas sucessivas do protagonista nu, na posição anterior, em P.P., P.P.P. e G.P.P. de diversos ângulos. CORTE.

- 17) G.G. da paisagem derradeira com a CÂMARA LOCALIZADA NO ALTO DA COLINA? executando panorâmica lentamente, enquanto na FAIXA SONORA aos poucos vai se ouvindo pagina musical angustiante, e vão surgindo os leitres finais.de

.....

Os amadores do IV ano, os verdadeiros amadores, livres nas lúcidas, arrogantes mas inteligentes, imaturos nas cheios de talento, são apenas quatro, ou cinco: um clássico dois em casa nenhum jôgo fora, (Dajalma-Batista), inexistente (José Maria Bezerril), - Dr. strangerlover and Mr. Hyde (Bruno Barreto) "novêlo" (Pedro Paulo Souza) e morte-branca (José Americo ribeiro). Em cada um dessas pequenos filmes há um compromisso, e uma consciênciatobrigatôriamente, foram alguns dos menos compreendidos (e até mesmo-vaiados) pela gulta platôia do Cinema Pais-sandú. Talvez pelo respeito que todos dedicam às idéias e ao cinema, ou seja, pelo respeito à formula simples e à decagogia fácil, esses filmes, em termos de sucesso momentâneo, ficaram muito abaixo de " Jornal-do Zilbra Nôvo (o cumulo do subdesenvolvimento complacente), A Laula (o cumulo do arranjo simbólico-acadêmico) A Fraude (o cumulo da irresponsabilidade política, pois cinema politico nao é berrar slogans conhecidos na cara do espectador), Heblina (o cumulo do lirismo subjetivo, colonialista), O Encontro, A verdade (o cumulo da afetação, ou seja, Marienbad em tencicolor, chei e de efeitos de branco e preto)."

.....
 Entre vários filmes que buscam na abstração a sua desculpa, Novêlo é o mais sério e estimulante. Em primeiro lugar, um precioso sentido de enquadramento cinematográfico: a câmara de Novêlo está sempre no lugar mais importante, e que tanto pode significar uma posição certa como errada. Onde A Jaula erra (a abstração puxada pelo símbolo, ou seja, a câmara sempre na posição pré-convençãoada como certa), o catarinense Pedro Paulo realiza um desafio: mostrar um trajeto que nao leva a nada, mas sem dar nomes e ãs se trajeto. Enfim, eis o filme que recupera historicamente, o grande injustiçado do III Festival: Trajeto, de Jorge Guimaraes.

FICHA TÉCNICA - FILME NOVÊLO

Realização do GUCA
 Direção de Produção : Ady Vieira Filho
 Abres: Fernando José e Ady Vieira Filho
 Direção e Roteiro : Pedro Paulo Souza
 Direção e Fotografias: Gilberto Carlareh
 Argumento: Pedro Fertolino
 Colaboração Financeira: Reitoria da UFSC
 Prefeitura Municipal
 Governo do Estado
 ERDE (Dr. Francisco Grillo
 Koerich , C. Ramos, DC-SO , Plano

Jornal do Brasil; edição de 8/11/68.

- " Os destaques de ontem podem ser dados a NOVÉIO, filme de Santa Catarina, e a " um clássico dois em casa nenhum jogo fora " de São Paulo. O primeiro apresenta um indivíduo angustiado, um jovem, em busca de uma libertação que seria encontrada numa volta ao passado, ao embrião, protegido em sua posição defeto. Mais que a idéia, o filme apresenta um perfeito conjunto fotografia-montagem, e a sua unidade fotográfica atinge à força desejada em vários momentos."

Primeira Crítica; IV Festival de Cinema Amador JB/ Mesbla.

Miriam Alencar.

Jornal do Brasil; edição de 16/11/1968

- " Se Feldman está em seu 13º filme, se o jovem Barreto e o também jovem Francisco Dreux (22 anos) estão em seus terceiros filmes, a maioria é de estreantes; e houve gente que se aproximou da câmara pela primeira vez justamente para fazer O FILME deste IV Festival, como é o caso, por exemplo, da turma catarinense de NOVÉIO ".

Em "Uma Sociedade em Negativo "

Alex Viany.

Jornal do Brasil; edição de 16/11/68

- " Vamos ser francos; os amadores, no seu quarto ano de festival, parecem estar no ano zero do cinema. Nenhum progresso técnico, poucas idéias novas, um estranho desprezo pelas inúmeras possibilidades que a câmara em 16 mm oferece como meio de comunicação. Muita coisa preocupa os amadores de 1968, mas eles parecem não dar muita importância, ao que realmente conta, o cinema. O deslumbramento social (pseudosocial) ou lírico (pseudolírico) domina a maioria dos filmes, onde uma série arrogâncias são cometidas em planos mal-enquadrados, desfocados, jogados na tela como se jogá na praça um discurso. São ótimas, as intenções; mas além das intenções falta sempre uma idéia, falta o sinal de inteligência capaz de transformar em cinema os sonhos tumultuados de uma juventude sufocada pela repressão e pelo vazio de um país em retrocesso.